

Autora Bestseller do *Sunday Times*

C. L. TAYLOR

DESAPARECIDO

No rasto de Billy

«Mantém
o suspense
mesmo até
ao fim.»
THE SUN

TOP
SEL
LER

Alguém sabe
o que aconteceu ao filho dela.

Para as minhas saudosas avós,
Milbrough Griffiths e Olivia Bella Taylor.

Quinta-feira, 5 de fevereiro de 2015

Jackdaw44: Queres fazer um jogo?

ICE9: Não.

Jackdaw44: Não inclui sexo.

ICE9: Então inclui o quê?

Jackdaw44: Perguntas. Isto é um tédio. Só me queria divertir um bocadinho.

ICE9: ...

Jackdaw44: Vou interpretar isso como um sim. Vamos lá... Primeira pergunta. Preferias ficar surda ou cega?

ICE9: Estás mesmo entediado, não estás? Surda.

Jackdaw44: Preferias morrer afogada num rio ou esturricada num incêndio?

ICE9: Nem uma nem outra.

Jackdaw44: Tens de escolher.

ICE9: Afogada num rio.

Jackdaw44: Enterrada ou cremada?

ICE9: Não gosto deste jogo.

Jackdaw44: Não tem qualquer significado. Só estou a tentar conhecer-te melhor.

ICE9: Que maneira tão estranha de conhecer alguém.

Jackdaw44: Adoro-te. Quero saber tudo sobre ti.

ICE9: Enterrada.

Jackdaw44: Preferias ser infame ou ser esquecida?

ICE9: Ser esquecida.

Jackdaw44: A sério???

ICEg: Sim.

Jackdaw44: Eu escolhia a infâmia, sem pensar duas vezes.

ICEg: Deves achar que isso é uma grande surpresa.

Jackdaw44: Choravas no meu funeral, à frente de toda a gente, ou guardavas as lágrimas para um sítio privado?

ICEg: O QUÊ?! Deixa de ser tão mórbido.

Jackdaw44: Não estou a ser mórbido. Só te queria preparar.

ICEg: Para quê?

ICEg: Sim?

ICEg: SIM???

Capítulo 1

Quarta-feira, 5 de agosto de 2015

O que é que se veste quando se tem de olhar para a objetiva de uma câmara e suplicar que alguém, seja lá quem for, nos possa dizer, pelo amor de Deus, onde está o nosso filho? Uma blusa? Uma camisola de lã? Uma armadura?

Hoje vou ter direito ao meu segundo apelo na televisão. Já se passaram seis meses desde que o meu filho desapareceu. Seis meses? Como é que pode ter passado assim tanto tempo? A psicóloga que comecei a ver quatro semanas depois de o terem levado disse que a sensação de perda havia de diminuir, que eu nunca sentiria uma dor tão lancinante como naquele primeiro dia.

Mentiu.

Levo quase uma hora só para conseguir olhar-me ao espelho do quarto sem desatar a chorar. O cabelo, cortado num estilo curto de duende na semana passada, não se enquadra bem na minha cara larga e angulosa, e os olhos parecem demasiado encovados debaixo da nova franja. A blusa que ainda ontem à noite escolhi por ser ao mesmo tempo discreta e apresentável parece-me subitamente reles e vulgar, com a saia pelos joelhos demasiado apertada nas ancas. Opto por um par de calças azul-escuras e um pulôver cinzento. Elegante, mas não demasiado; circunspeta sem, todavia, parecer sombria.

O Mark não está no quarto comigo. Levantou-se às 5h37 e esgueirou-se em silêncio para fora do quarto para não ter de ouvir o meu gemido ao olhar para as horas no despertador. Ontem à noite, quando fomos para a cama, ficámos deitados em silêncio lado a lado, sem nos tocarmos, demasiado tensos sequer para falar. O sono levou séculos a chegar.

Não disse nada quando o Mark se levantou. Ele sempre foi madrugador e gosta de uma hora de solidão, às voltas pela casa, antes de mais alguém acordar.

A nossa casa foi sempre tão barulhenta, com o Billy e o Jake a discutirem para ver quem era o primeiro a usar a casa de banho e depois a ligarem as aparelhagens no máximo quando voltavam para os seus quartos para mudar de roupa. Eu tinha de bater nas portas e gritar que pusessem a música mais baixo. O Mark nunca gostou muito de ruído. Passa todas as semanas horas a conduzir em trabalho de cidade em cidade, já que é delegado de informação médica, mas sempre em silêncio — nada de música, nem audiolivros, nem sequer rádio.

— Mark?

São 7h30 quando entro na cozinha, tendo o cuidado de passar por cima do mosaico partido junto ao frigorífico para não rasgar as meias de nylon. Há três anos, o Billy abriu o frigorífico e uma garrafa de vinho caiu, rachando os mosaicos que o Mark tinha acabado de assentar na véspera. Eu disse-lhe que a culpa fora minha.

— Mark?

A chaleira ainda está quente, mas não há sinal do meu marido. Espreito para a sala de estar, mas também não o encontro ali. Volto à cozinha e abro a porta das traseiras que dá para o caminho de acesso à casa, na lateral. A porta da garagem está aberta. Ouve-se o *rrr-ttt-ttt* do motor do corta-relva enquanto o tentam ligar.

— Mark?

Enfio os pés nuns ténis tamanho 44 que o Jake deixou largados junto ao tapete e atravesso o pátio a chinelar até à garagem. É agosto, e o Sol já vai alto no céu, com o jardim do outro lado da rua a mostrar uma profusão de cores, e o nosso relvado, húmido do orvalho matinal.

— Não podes estar a pensar em cortar a relva a est...

Estaco à porta da garagem. O meu marido, alto e loiro, está debruçado sobre o corta-relva no seu melhor fato azul-escuro, com uma mancha de óleo por cima do joelho esquerdo das calças.

— Mark! Que raio estás a fazer?

Ele não levanta os olhos.

— A fazer a manutenção do corta-relva. — Dá mais um puxão no cabo de arranque e a máquina ronca em sinal de protesto.

— Agora?

— Já não o uso há um mês. Vai ganhar ferrugem se não o puser a trabalhar.

Não sei se deva rir ou chorar.

— Mas, Mark, vamos gravar o apelo do Billy.

— Eu sei que dia é hoje. — E agora ele olha para cima. Tem as bochechas coradas e há uma película de suor a brilhar entre as sobrancheiras grossas e despenteadas e as entradas do cabelo. Passa a mão pela testa e depois esfrega-a nas calças, acrescentando uma nódoa de suor à mancha de óleo preta. Apetece-me gritar com ele por estar a estragar o seu melhor fato e dizer-lhe que não pode aparecer no apelo do Billy assim, mas não é um bom dia para discutir, de maneira que me limito a respirar fundo.

— São sete e meia — digo. — Temos de sair daqui a meia hora. O inspetor Forbes disse que ia ter connosco às oito e meia para nos ajudar a preparar-nos.

O Mark esfrega as mãos no fundo das costas enquanto se levanta.

— O Jake está pronto?

— Acho que não. Tinha a porta fechada quando desci, e não ouvi vozes.

O Jake partilha o quarto com a Kira há 18 meses. Começaram a namorar na escola quando tinham 16 anos e estão juntos há três. Ele implorou-me que a deixasse mudar-se para cá. O alcoolismo da mãe dela tinha piorado e ela começou a descarregar na Kira, física e verbalmente. Disse-me que se eu não a deixasse viver connosco, ela teria de se mudar para casa do avô, em Edimburgo, e que eles nunca mais se veriam.

— Bem, se o Jake não se consegue dar ao trabalho de acordar, é melhor irmos sem ele — diz o Mark. — Não tenho forças para me chatear com ele. Hoje não.

Era o Billy quem costumava dececionar o Mark. O Billy, com a sua atitude de «estou-me a marimbar» para a escola e a firme convicção de que a vida não lhe devia mais do que fama e fortuna por direito próprio. O Jake sempre foi o menino de ouro do pai, por comparação. Fartava-se de estudar, só teve notas acima de 15 no secundário e acabou o curso de eletricista com distinção. Atualmente, os telefonemas que recebemos com queixas sobre a falta de assiduidade provêm do trabalho do Jake, e não do Billy.

Também não me sobram forças para enfrentar os problemas com o Jake, mas não posso simplesmente encolher os ombros como o Mark.

Temos de mostrar uma família unida à imprensa. Temos todos de lá estar, sentados lado a lado. Uma família cheia de força, quanto mais não seja na aparência.

— Vou voltar para casa. Tenho de tirar o teu outro fato do armário — digo, mas o Mark já está de novo de roda do corta-relva.

Volto para trás pelo caminho de gravilha, a arrastar os sapatos gigantes do Jake, e levo a mão à maçaneta da porta das traseiras.

Ouçõ o grito assim que abro a porta.

Capítulo 2

— **D**á-me isso, Jake! — O guincho da Kira provém das escadas e ouve-se um estrondo no quarto lá em cima quando alguma coisa, ou alguém, cai no chão.

Sacudo os sapatos do Jake dos pés e subo os degraus dois a dois, atravessando o patamar e entrando de rompante no quarto sem bater. Ainda vejo a balbúrdia antes de a Kira e o Jake se afastarem um do outro de um salto. Com pouco mais de metro e meio e o cabelo loiro abaixo dos ombros, a Kira parece muito pequena, quase uma boneca, nas suas cuecas cor-de-rosa com uma t-shirt justa branca. O Jake está de tronco nu, completamente despido a não ser pelos boxers pretos que se lhe colam às ancas. Tem os ombros e o peito tão largos e musculados que parece ocupar o quarto todo. Há uma garrafa partida aos seus pés, que derramou um líquido castanho-claro na alcatifa bege. Veem-se fragmentos de vidro junto à pilha de pesos no chão.

— Mãe! — O Jake salta para longe da Kira, assentando o pé direito na garrafa partida. Solta um uivo de dor quando um estilhaço se lhe crava na planta do pé.

— Quietos! — grito, mas ele já levantou o pé.

O sangue começa imediatamente a escorrer, cobrindo-lhe os dedos e pingando sobre a alcatifa.

— Não te mexas!

Corro para a casa de banho e pego na primeira toalha que me aparece à frente. Quando volto ao quarto, o Jake está sentado na cama, com uma mão a agarrar o tornozelo e a outra a apertar a ferida. A Kira, que continua de pé no meio do quarto, está branca como a cal. Atravesso

o quarto com cuidado para não pisar nenhum vidro e agacho-me na alcatifa à frente do Jake. Tresanda a álcool.

— Tira a mão.

Ele estremece enquanto tira, um a um, os dedos que estão a fazer pressão no corte. O golpe não tem mais de meio centímetro, mas é fundo e o sangue continua a escorrer. Embrulho-o na toalha, apertando com força para tentar estancar o sangue.

— Segura isto. — Faço sinal ao Jake para pôr as mãos na toalha. — Tenho de arranjar um alfinete de ama.

Alguns segundos depois, estou de volta ao quarto a tentar prender a ligadura improvisada à volta do pé do meu filho. Ele tem umas grandes olheiras e a pele desidratada nas maçãs do rosto. Parece que não fui só eu e o Mark que não conseguimos dormir nada.

— O que aconteceu, Jake? — pergunto baixinho.

Ele olha por cima de mim, para a Kira, que se está a vestir. Ela afasta os lábios e, por uma fração de segundo, eu acho que está prestes a falar, mas depois acaba por baixar o olhar e enfiar as calças de ganga. Lá em baixo, a porta das traseiras abre-se com um baque quando o Mark volta a entrar em casa, e depois ouvem-se os passos dele a andar de um lado para o outro no chão da cozinha. Há de subir as escadas não tarda nada, a perguntar porque é que não estamos despachados.

Dou uma fungadela na direção do Jake. Tem um odor acre no hálito.

— Estavas a beber aquela garrafa de rum antes de eu entrar?

— Mãe!

— Então? Estavas ou não estavas?

— Bebi um bocadinho ontem à noite, foi só isso.

— E depois continuaste pela noite dentro até de manhã. — Apanho um grande caco de vidro da carpete. Ainda tem a maior parte do rótulo colado. — Onde é que tinhas a cabeça, caramba?!

— Estou stressado, está bem?

— Não tenho dinheiro que chegue para o táxi — queixa-se a Kira, enfiando as mãos nos bolsos para tirar alguns trocos.

— Claire! — A voz do Mark ribomba escadas acima. — São oito da manhã. Temos de sair. Depressa!

— Tenho de me ir embora — diz a Kira. — Hoje vamos a Londres fazer uma visita de estudo. À National Portrait Gallery. Tinha de estar às oito e meia na estação de comboios.

— Pronto, está bem. — Faça-lhe sinal para ter calma. — Dá-me só um segundo.

Vou até ao patamar e grito lá para baixo.

— Mark? Tens algum dinheiro contigo?

— Umás três libras — grita ele em resposta. — Porquê?

— Não interessa.

Volto a entrar no quarto do Jake.

— Ora muito bem. Eu dou-te boleia até à estação, Kira. E tu, Jake...

— Não se vê mais sangue na toalha que enrolei à volta do pé dele, mas, mesmo assim, vai ser preciso desinfetar a ferida e dar-lhe um reforço do tétano. Se tivesse tempo, deixava a Kira na estação e depois levava o Jake ao médico, mas isso significava ter de voltar para trás, e não posso chegar tarde à conferência de imprensa. Porque é que isto tinha de acontecer logo hoje? — Pronto. — Tomo uma decisão repentina. — Jake, tu ficas aqui a curar a ressaca e eu depois levante-me ao centro de saúde quando voltar. Se precisares de alguma coisa, tens sempre a Liz na porta ao lado. Ela só vai trabalhar da parte da tarde.

— Não, eu vou com vocês. Tenho de estar lá no apelo.

O Jake faz um esgar ao levantar-se da cama, saltando ao pé-coxinho ao nível dos meus olhos. Ao contrário do Billy, que deu um pulo ao fazer 12 anos, a estatura do Jake nunca chegou a passar do metro e setenta e cinco. Os miúdos não podiam ter uma discussão sem que o Billy desatasse a fazer troça da altura do irmão mais velho. O Jake irritava-se e parecia que rebentava ali mesmo a Terceira Guerra Mundial.

— Claire! — volta a berrar o Mark, agora mais alto. Vai-se passar completamente se vir como está o Jake. — Claire! Já chegou o inspetor Forbes! Temos de ir!

— Não vais a lado nenhum — advirto o Jake enquanto a Kira faz uma cara contrita e passa por mim para sair do quarto. Ela põe-se em bicos de pés junto ao armário do patamar, veste o casaco e remexe nos bolsos outra vez.

— O Billy era meu irmão — diz o Jake. A cara dele franze-se e, por uma fração de segundo, parece uma criança novamente, mas depois um dos tendões do pescoço retesa-se e ele levanta o queixo. — Não me podes proibir de ir com vocês.

— Estiveste a beber — retruco, o mais calmamente possível. — Se queres mesmo ajudar o Billy, então o melhor que tens a fazer

agora é ficar em casa a curtir a bebedeira. Depois falamos, quando eu voltar.

— Claire! — grita o Mark, já do cimo das escadas.

— Mas mãe... — O Jake estende-me a mão, mas eu já estou a sair pela porta. Fecho-a atrás de mim precisamente quando o Mark se aproxima.

— O Jake já está pronto?

— Não se sente lá muito bem — respondo, encostando-me à porta.

— O que se passa com ele?

— Está mal da barriga — diz a Kira, com a vozinha doce a interromper a minha hesitação. — Passou um mau bocado durante a noite. Deve ter sido do *vindaloo*.

Lanço-lhe um olhar agradecido. Pobre miúda, a ver-se assim apalhada no meio dos dramas da nossa família quando a razão pela qual veio viver connosco foi para fugir aos dramas da sua.

O Mark olha para a porta fechada atrás de mim e depois fita-me muito sério.

— Vamos embora, então?

— Tenho de deixar a Kira na estação de comboios. Ela tem uma visita de estudo. Podes ir andando com o inspetor Forbes, que eu vou lá ter.

— E o que é que vão dizer disso? Os dois a aparecermos separados? — O Mark olha para a Kira. — Porque é que não falaste na visita de estudo ontem à... — Solta um suspiro. — Deixa lá. Esquece. Encontramo-nos lá, Claire.

Não mudou de calças. A mancha de óleo continua lá, perfeitamente visível, uma nódoa preta na sua coxa esquerda, mas não tenho coragem de tocar no assunto.

Capítulo 3

Nenhuma das duas diz uma palavra enquanto entramos no carro e eu ligo o motor. O silêncio continua para lá do centro comercial de Boardwalk e pela Wells Road abaixo. Só quando paro o carro junto aos semáforos no cruzamento de Three Lamps e a Kira tira o *iPod* do bolso do casaco é que abro a boca.

— O que é que foi aquilo?

— Desculpe? — Ela olha para mim assustada, como se se tivesse esquecido de que eu estava sentada ao seu lado.

— Tu e o Jake, há bocado.

— Foi só... — Ela olha fixamente para o sinal vermelho, como se o quisesse mudar para verde por telepatia. Sem o *eyeliner* preto carregado e a camada generosa de base que costuma usar, a cara em forma de coraçõzinho parece demasiado pálida, e as sardas que lhe salpicam o nariz fazem-na parecer mais nova do que é. — Foi só... não sei... uma pequena discussão.

— Parecia bastante sério.

— Entusiasmámo-nos um bocadinho, foi só isso.

— Posso assumir que o Jake não se deitou ontem à noite?

— Não. Não se deitou.

— Oh, céus! — Solto um suspiro pesado. — Agora ainda estou mais preocupada com ele.

— Ah, sim?

Sinto uma guinada de dor com o ar de surpresa na cara dela.

— É claro que estou. Ele é meu filho.

— Mas não é o Billy, pois não?

— O que é que isso quer dizer?

— Nada. Desculpe. Não sei porque é que disse aquilo.

Espero que ela continue, mas não diz mais nada. Em vez disso, abre a mala e tira um *eyeliner* preto antes de baixar o espelho da pala. Afasta ligeiramente os lábios enquanto desenha um risco preto à volta de cada olho, e depois espalha corretor na pele esbranquiçada e ligeiramente saliente junto à têmpora direita. Parece o prenúncio de uma nódoa negra.

O sinal vermelho fica amarelo, e depois verde, e eu carrego no acelerador.

Nenhuma de nós fala durante vários minutos. Olho de soslaio para a Kira, e depois para o inchaço na testa, e sinto uma reviravolta no estômago.

— O Jake bateu-te?

— O quê?

— Quando estavam a lutar por causa da garrafa. Tens a testa magoada. Ele bateu-te?

— Santo Deus, não!

— Então, como é que fizeste isso?

— Na discoteca, ontem à noite.

Ela estica-se no banco e inspeciona o lado da cabeça no espelho da pala, esfregando-o ao de leve com o indicador.

— Deixei cair o telemóvel e bati com a cabeça na esquina da mesa quando me baixei para o apanhar.

— Kira, eu sei que não sou tua mãe, mas tu és quase como se fosses minha filha e, se alguém te tiver feito mal...

Ela levanta a pala de repente.

— O Jake não me bateu, está bem? Ele nunca faria uma coisa dessas. Nem posso acreditar que tenha sido capaz de pensar isso do seu próprio filho.

Agarro com mais força no volante.

— Desculpe — diz ela imediatamente. — Eu sei que só estava preocupada comigo, mas...

— Esquece isso. — Abrando ao chegar a uma rotunda. — Diz-me só uma coisa. Desde quando é que ele começou a beber de manhã?

Ela não responde.

— Desde quando, Kira? — insisto.

— Acho que foi só hoje.

— Achas? — Não consigo evitar demonstrar a minha incredulidade. Eles passam todos os minutos do dia e da noite juntos. Como é que ela pode não ter a certeza de uma coisa destas?

— Pois. — Ela corre o fecho do estojo de maquilhagem e põe-se a olhar absorta pela janela enquanto o carro dá a volta à rotunda de Bristol Temple Meads. Quando aciono o pisca para a esquerda e paro o carro em frente à estação de comboios, não consigo deixar de perscrutar a pequena multidão de pessoas junto à estação, a correr lá para dentro, ou a fumar à porta, ou à espera de táxi. Não consigo ir a lado nenhum sem me pôr à procura do Billy.

— Achas que ele tem um problema com a bebida?

— Não. — Ela abana a cabeça enquanto desaperta o cinto e abre a porta. — Não se tornou nenhum alcoólico, se era nisso que estava a pensar. Abriu a garrafa de rum ontem à noite, quando chegámos da discoteca. Estava nervoso e não conseguia dormir.

— Por causa do apelo do Billy?

— Pois. — Ela alça uma perna para fora do carro, pousa-a no passeio e detém-se a olhar distraída para a entrada da estação de comboios.

— Kira? — Estico o braço e toco-lhe no ombro. — Há alguma coisa que me queiras dizer?

— Não — responde. Depois, salta para fora do carro, com a mala e a bolsa da maquilhagem bem apertadas contra o peito, e corre até à porta da estação antes que eu consiga dizer seja o que for.

Capítulo 4

Estamos numa pequena sala de reuniões, localizada na cave do edifício da Câmara Municipal, com as lâmpadas fluorescentes a zumbirem no teto e sem luz natural. Tem um quarto do tamanho da outra onde fizemos o primeiro apelo para nos ajudarem a encontrar o Billy, 48 horas depois de comunicarmos o desaparecimento. Ao contrário dessa primeira conferência de imprensa, em que todas as cadeiras de plástico nas várias filas à nossa frente estavam ocupadas, só há meia dúzia de jornalistas e fotógrafos aqui. Estão quase todos entretidos com os telemóveis. Olham para cima quando entramos com o inspetor Forbes, mas voltam a baixar o olhar. Dois deles começam a escrever nos seus cadernos.

A Sra. Wilkinson vem muito taciturna com um pulôver cinzento-claro e calças a condizer, enquanto o Sr. Wilkinson parece carrancudo e transtornado no seu fato escuro, com a perna das calças manchada com aquilo que aparenta ser óleo.

Não faço ideia se foi isso que escreveram. Calculo que vá descobrir amanhã. Nunca sou capaz de ler os jornais, principalmente as versões online com aqueles horríveis comentários críticos no fim, mas sei que o Mark há de ler. Vai escrutiná-los palavra por palavra, a rosnar e a praguejar e a resmungar sobre «aqueles sacanas idiotas».

Eu não sabia como a atenção mediática se podia tornar uma faca de dois gumes quando o Billy desapareceu. Estava inquieta por que publicassem a história — estávamos os dois; quanto mais atenção conseguíssemos chamar sobre o Billy, melhor —, mas nunca me passou pela cabeça o fogo cerrado de especulação e críticas que as notícias

acarretariam. Eu parecia «muito pálida e perturbada», foram essas as palavras que a maioria dos jornalistas resolveu usar para me descrever naquela primeira conferência de imprensa. O Mark foi referido como «frio e distante». Ele não era distante — estava simplesmente aterrorizado, estávamos ambos. Mas, enquanto eu tremia, remexendo os dedos por baixo da mesa, o Mark ficou muito quieto, com as costas direitas, as mãos nos joelhos e os olhos fixos no grande relógio ornamentado da parede em frente. A dada altura, peguei-lhe na mão e apertei-lhe os dedos. Ele nem sequer virou os olhos para mim antes de acabar a sua própria declaração. Na altura, senti-me terrivelmente magoada, mas depois, na privacidade da nossa casa, ele explicou que, por muito que me quisesse reconfortar, não tinha sido simplesmente capaz.

«Já sabes que eu tenho de compartimentar as coisas para lidar com o stress», dissera ele. «E precisava de conseguir falar sem me deixar ir abaixo. Se te tivesse tocado, se tivesse sequer olhado para ti, ter-me-ia desfeito em pedaços. E não podia permitir que isso acontecesse, não quando era tão importante dizer aquilo que tinha a dizer. Consegues compreender isso?»

Eu conseguia e não conseguia, mas invejava-lhe a capacidade de desligar os pensamentos e as emoções que não queria ter de enfrentar. Não sou capaz de trancar assim os sentimentos dentro de caixas na minha cabeça. Estão todos enrodilhados numa barafunda, como os novelos de lã no fundo da caixa de costura da minha avó. E o pensamento que percorre todos os novelos — o fio que está emaranhado à volta do meu coração — é: *Onde estará o Billy?*

— Sra. Wilkinson? — diz o inspetor Forbes. — Eles estão prontos para a sua declaração.

Materializou-se uma câmara em frente ao corredor que divide as cadeiras de plástico. Tenho a objetiva apontada a mim. Há umas semanas decidimos que devia ser eu a fazer o apelo.

«O público reage melhor quando é a mãe a fazê-lo», explicou o inspetor Forbes.

Não fez qualquer referência aos terríveis comentários que apareceram online quando o Mark falou há seis meses. Comentários como: «Está na cara que foi o pai. Até parece que não tem emoções»; e «Aposto que foi o pai. São sempre eles.»

— Está pronta? — chama-me o inspetor novamente, e desta vez sento-me mais direita na cadeira e inspiro fundo pelo nariz. Sinto

o cheiro do *aftershave* do inspetor Forbes e um vago odor a óleo de motor que emana do Mark, sentado ao meu lado. Consigo senti-lo a observar-me, mas não me viro para olhar para ele antes de pegar na declaração escrita que tenho à minha frente. Eu sou capaz. Já não preciso de uma mão no joelho.

— Faz hoje seis meses — digo, a olhar em frente para a câmara —, numa quinta-feira, dia 5 de fevereiro, que o meu filho mais novo, o Billy, desapareceu de nossa casa em Knowle, South Bristol, às primeiras horas da manhã. Tinha apenas 15 anos. Levou a mochila e o telemóvel, e devia vestir umas calças de ganga, uns ténis *Nike*, um casaco preto da *Superdry* e um boné com a sigla de Nova Iorque... — Vacilo, ao perceber que alguns dos jornalistas se estão a mexer nas cadeiras e pararam de escrever nos seus cadernos. O Mark, ao meu lado, pigarreia baixinho, e o inspetor Forbes inclina-se para a frente e apoia os cotovelos na mesa. — Temos todos imensas saudades do Billy. O desaparecimento dele deixou um vazio na nossa família que nada nem ninguém poderá preencher e... — Mantenho os olhos fixos na câmara, mas apercebo-me de um alvoroço qualquer ao fundo da sala. Há um homem a debater-se com outro à porta. — Billy, se estiveres a ver isto, por favor, fala connosco. Amamos-te muito, e nada vai mudar isso. Se não nos quiseres ligar diretamente, por favor, dirige-te a uma esquadra ou telefona a um dos teus amigos.

O produtor ao lado do operador de câmara dá-lhe uma palmadinha no ombro e faz-lhe sinal para o fundo da sala. A câmara dá meia-volta e ouve-se um grito vindo do corredor lá fora.

— Largue-me! Tenho todo o direito de aqui estar! Não me podem impedir de falar.

Capítulo 5

— **O** que está o Jake aqui a fazer? — O Mark olha por cima das cabeças dos jornalistas e vários *flashes* disparam ao mesmo tempo, iluminando o canto da sala onde o Jake está a protestar com um agente fardado. — Pensei que tinhas dito que ele estava doente.

— E estava... e está. Deixa-me tratar disto.

— Espere, Sra. Wilkinson! — grita o inspetor Forbes quando eu atravesso a sala e tento abrir caminho por entre os jornalistas que se juntaram à volta do meu filho. Só consigo distinguir a parte de trás da cabeça dele. Tem o cabelo claro espetado e desgrenhado, à falta de gel. E, por momentos, desaparece quando um polícia se põe à frente, tapando-me a vista.

— Desculpe. Com licença, por favor.

O operador de câmara resmungo quando lhe dou um encontrão ao passar por ele, mas o produtor manda-o calar-se.

— Essa é a mãe, tens de a apanhar no enquadramento.

Enfio-me por entre dois funcionários da Câmara e aproximo-me do polícia que está a empurrar o Jake pela porta. Não me liga nenhuma quando lhe toco nas costas do colete preto, e vejo-me obrigada a puxar-lhe o braço.

Ele nem sequer olha de relance para mim. Está a agarrar no Jake e não tira os olhos dele. O meu filho mais velho, que é uns 15 centímetros mais baixo, tem os punhos cerrados ao lado do corpo e os tendões muito tensos no pescoço.

— Por favor! — grito. — Pare, por favor, ele é meu filho.

— Mãe? — diz o Jake, e o polícia olha para mim surpreso. Afrouxa ligeiramente os braços.

— Ele é meu filho — volto a dizer.

O polícia olha por cima do ombro para mim e depois para o póster do Billy afixado num cavalete ao lado da mesa.

— Não, não é o Billy — digo. — Este é o Jake, o meu outro filho.

— Outro filho? Não me falaram em mais nenhum familiar... — Ele olha para o inspetor Forbes, que acena com a cabeça.

— Está tudo bem, agente George. Eu trato do assunto.

O inspetor Forbes conhece perfeitamente o Jake. Interrogou-o com a sua equipa durante algum tempo no dia em que o Billy desapareceu, tal como a toda a nossa família alargada e amigos.

— Acabou o espetáculo, pessoal. — Faz sinal ao produtor para parar de filmar e manda os jornalistas voltarem aos seus lugares. Ninguém se mexe.

— Jake! — Uma jornalista com um rabo de cavalo loiro estica o braço por cima do meu ombro e aponta um gravador ao meu filho. — O que é que queria dizer?

— Jake? — O produtor saca de um microfone. — Tinha alguma mensagem para o Billy?

O meu filho avança um passo, com os ombros para trás, o queixo erguido. Olha para o agente George e levanta o sobrolho, vitorioso.

— O que lhe aconteceu ao pé, Jake?

Um homem baixo e careca com os antebraços muito peludos nas suas mangas de camisa arregaçadas aponta para os ténis do Jake. O peito do pé, geralmente imaculado e branco, tem uma mancha acastanhada de sangue.

— Jake? — diz o Mark.

Faz-se silêncio na sala enquanto o meu marido e o meu filho se fitam mutuamente. Estão todos à espera de que o Jake diga alguma coisa. Eu também. Consigo sentir o Mark a enfurecer-se atrás de mim. Era o pior pesadelo dele — o nosso apelo respeitável e ponderado a transformar-se numa escandaleira.

Ouçõ um *click* e um *rrzzz* vindos da câmara à minha esquerda e imagino a objetiva a focar a cara cinzenta e crispada do Jake. Ele limpa a testa perlada com o pulso e depois, com um brevíssimo olhar de relance para mim, roda no calcanhar do seu pé e coxeia para fora da sala.

Segunda-feira, 11 de agosto de 2014

Jackdaw44: Que vida de merda!

ICE9: Não digas isso.

Jackdaw44: Não digo porquê? É verdade. O meu pai é um hipócrita e a minha mãe não faz puto de ideia.

ICE9: Já falaste com o teu pai sobre o fim de semana?

Jackdaw44: Estás a gozar comigo, pá?

ICE9: Podias deixá-lo explicar.

Jackdaw44: O quê? Que é um cobardolas, um fraco, um mentiroso e um filho da mãe nojento? Obrigadinho, mas não.

ICE9: Se calhar não era o que parecia.

Jackdaw44: Estás a reinar, só pode! Tu viste-me. Tu viste o que eu fiz.

ICE9: Isso foi um bocado idiota.

Jackdaw44: Foi brutal! Quem me dera ter visto a cara dele quando viu a janela do carro. Quando chegou a casa, disse à minha mãe que tinham sido uns vândalos. Ah! Ah! Ah! Eu é que sou o sacana do vândalo.

Jackdaw44: Ainda aí estás?

ICE9: Ya. Desculpa. Estava a fazer uma cena.

Jackdaw44: Sem stress. Só queria agradecer-te por me teres acalmado. Tinha-me passado completamente dos cornos se não tivesses aparecido.

ICE9: Mas tu passaste-te mesmo dos cornos.

Jackdaw44: Podia ter sido pior.

ICE9: Hum, não sei.

Jackdaw44: Eh, pá, não interessa. Brigadinho.

Capítulo 6

— **O** que é que te passou pela cabeça? — O Mark está de pé no meio da sala com os braços cruzados. Desapertou a gravata e abriu o botão de cima da camisa. A pele na base da garganta está mosqueada de vermelho.

— Não tenho pachorra para isto. — O Jake faz menção de se levantar do cadeirão, estremeando ao fazer carga no pé magoado.

— Vais ficar aí quietinho onde estás! — grita o Mark, e eu aperto com mais força a almofada em que peguei à laia de escudo. — Estamos em minha casa e, enquanto aqui viveres, tens de fazer o que eu mando.

— Sim, porque isso resultou muito bem com o Billy, não foi? — O Jake não levanta a voz, mas o Mark cambaleia para trás como se lhe tivessem berrado a pergunta na cara.

Parece que se vai encolher sobre si próprio, mas depois recupera rapidamente.

— O que é que acabaste de dizer?

— Esquece.

— Não, repete lá.

— Por favor! — intervenho. — Por favor, não façam isso.

— Está tudo bem, mãe — diz o Jake. — Eu consigo aguentar o pai.

— Aguentar-me? — ri-se o Mark. — Achas que és um homenzinho, agora que arranjaste meia dúzia de músculos? Os esteroides estão a dar-te coragem, é, filho?

Olho para o Jake, horrorizada.

— Não andas a tomar esteroides, pois não?

— O pai não sabe do que está a falar.

— Abres a boca mais uma vez — diz o Mark — e ponho-te daqui para fora.

— Por favor! — digo. — Pelo amor de Deus! Parem com isso! Ele é teu filho, Mark! É o teu filho.

Um silêncio tenso toma conta da sala, pontuado apenas pelo som da minha respiração ofegante. Preparo-me para a segunda ronda, mas, em vez disso, o Mark deixa descair os ombros e suspira pesadamente.

— Sou sempre o vilão — diz ele, transferindo o olhar de mim para o Jake. — No fim de contas, parece que acham sempre todos que eu sou o mau da fita.

Apetece-me dizer qualquer coisa. Contradizê-lo. Apoiá-lo. Mas fazê-lo significaria escolher entre o meu marido e o meu filho. Tal como na noite em que o Billy desapareceu, outra vez. A minha família está a desintegrar-se à minha frente e não há nada que eu possa fazer para o impedir.

— Mãe — diz o Jake quando a porta das traseiras bate com estrondo e o Mark sai de casa. — Eu posso explicar.

— Agora não. — Tenho a garganta tão apertada que mal consigo abrir a boca. — Falo contigo depois.

Capítulo 7

— **O**ra aqui está.
A Liz pousa uma caneca de chá a esquentar na mesa à minha frente e depois puxa uma cadeira e senta-se. Um segundo depois, está novamente de pé, atravessa a cozinha e vasculha um armário a abarrotar de enlatados, frascos e pacotes de massa e arroz. É o dia a seguir à conferência de imprensa. Eu tinha ficado de aparecer em casa da Liz ontem à tarde, mas, depois de tudo o que aconteceu, não tive forças para isso.

— Ah, eu sabia que ainda tinha um! — Mostra-me uma tablete de chocolate e volta para a mesa. — É só para emergências, tem de ficar escondido do Caleb — diz ela, sentando-se à minha frente. — Para os dias em que resolvo que é melhor esquecer a dieta.

— Não tenho fome.

— Importas-te que eu coma, então? — Rasga o papel de alumínio dourado com uma unha e tira quatro quadradinhos. Dá uma dentada no chocolate, sorve um gole de chá e depois esboça-me um grande sorriso. — Já me sinto melhor. O Caleb estava com um humor de cão hoje de manhã, a resmungar que não tinha meias lavadas na gaveta. *Hellooo*, trabalhamos os dois fora de casa e ele tem 20 anos. Bem pode lavar as suas malditas meias. Ainda pensei que ele se fosse esforçar um pouco mais com a higiene, agora que arranjou alguém. Já te contei do novo namorado? — Eu abano a cabeça. — Parece que o conheceu num *pub* no Old Market. Tem 18 anos e trabalha na House of Fraser. É claro que ainda não fomos apresentados. O Caleb explicou que não quer assustá-lo. Já viste a lata? Enfim, desculpa. — Ela recosta-se na cadeira e cruza

os braços sobre o peito. — Como é que tu estás? Queria ter-vos visto no noticiário, mas o gato dos vizinhos voltou a invadir-me o jardim. Estava prestes a fazer as suas necessidades no relvado outra vez, de maneira que lhe atirei com um balde de água. Ia dar um salto a vossa casa quando regressaram, mas depois vi o Mark a sair disparado pela porta dos fundos com um ar furibundo e achei que se calhar não era a melhor altura para visitas.

É isto que adoro na minha relação com a Liz; o desaparecimento do Billy não mudou minimamente a nossa amizade. Todas as outras pessoas evitam acanhadamente o assunto ou fazem-me um interrogatório cerrado sobre quaisquer novidades, mas a Liz continuou igual a si própria. Depois de nos acontecer uma coisa assim tão horrível, tudo o que queremos é um pouco de normalidade. Estamos sempre a lembrar-nos daquilo que perdemos, à mais pequena coisa, e às vezes só nos apetece parar de pensar no assunto um bocadinho. Eu adoro ouvir a Liz queixar-se do Lloyd. Adoro as pequenas arengas sobre o seu próprio filho, o Caleb, ou sobre a Elaine, a chefe do supermercado onde ela trabalha.

O Mark compartimenta tudo. Tem as suas «caixinhas» dentro da cabeça para arrumar as coisas e fugir de si próprio. Eu não. Mas pelo menos tenho a Liz.

— Então, como foi? — pergunta ela.

— Um horror. — Conto-lhe sobre os gritos da Kira, o álcool, o golpe no pé, a interrupção do Jake e a discussão quando chegámos todos a casa. — Estou tão cansada — digo, e ela tira uma caixa de lenços do parapeito da janela e empurra-os na minha direção. — Só queria que o Billy voltasse para casa e que tudo isto acabasse. Tenho saudades dele, Liz. Sinto tanto a falta dele.

— Eu sei — diz ela. — Eu sei que sim.

Tiro um lenço da caixa e limpo as maçãs do rosto. Odeio esta minha reação imediata de desatar a chorar. Quem me dera, em vez disso, gritar e berrar ou esmurrar alguém.

— Desculpa — digo.

— Porquê? Se não puderes encher a cozinha da tua melhor amiga de lágrimas e ranho, para que é que eu servia?

É claro que me esforço por não chorar à frente do Mark ou do Jake, porque não quero que eles se preocupem comigo, mas com a Liz é diferente. A cozinha dela é um porto de abrigo seguro. Conhecemo-nos desde que a Liz e o Lloyd se mudaram para a casa ao lado, quando os

miúdos eram pequenos. Eles costumavam brincar no jardimzinho das traseiras enquanto eu e a Liz nos sentávamos a conversar nas espreguiçadeiras. Não passava de uma amizade exploratória, ao início, enquanto nos avaliávamos uma à outra, mas não tardou a que nos começássemos a revezar a ir levar as crianças à escola ou a fazer babysitting. Da primeira vez que fomos beber um copo juntas, ficámos tão bêbedas que deixámos de lado a etiqueta e nos abrimos completamente uma com a outra. Ao fim da noite, estávamos as duas a chorar de tanto rir. Desde então, temos ultrapassado juntas um pouco de tudo — o Lloyd a sair de casa no ano passado, o ataque cardíaco do meu sogro, e agora o Billy.

— Então, o que é que vais fazer agora? — pergunta ela, tirando mais um pedaço de chocolate e enfiando-o na boca.

— Tenho de conseguir convencer o Mark e o Jake a ficarem na mesma sala até resolverem as divergências.

— Claire... — A Liz estica o braço por cima da mesa e pousa a mão na minha. — Só estou a dizer isto porque te adoro, mas acho que devias deixá-los resolver o assunto sozinhos, quando estiverem dispostos a isso. Se continuares a insistir, só te vais pôr doente.

— Mas eu não posso desistir assim da única família que me resta!

— Também não podes resolver tudo por eles. Não és responsável pela felicidade de toda a gente, querida.

— Nenhum de nós é feliz.

— A começar por ti. — Ela lança-me um olhar inquiridor. — O Mark e o Jake vão passar a vida a marrar um com o outro de vez em quando. Tens de aceitar isso.

— Mas eles vão matar-se um ao outro se eu não me puser no meio.

— Não vão nada.

— O Jake vai sair de casa.

Ela suspira levemente.

— E achas que isso seria a pior coisa do mundo? Ele tem 19 anos. Ganha bem como eletricista. Tem de conseguir pagar um T1.

— Então e a Kira?

— Também teria bastante espaço para ela. Segundo disseste, já passam a maior parte do tempo fechados no quarto. E estariam mais à vontade assim.

— Mas a casa vai ficar tão vazia sem eles. E, além disso, quero que esteja tudo exatamente como quando o Billy desapareceu. Assim, podemos voltar à nossa vida normal quando ele regressar.

A minha melhor amiga olha para mim demoradamente. Quer fazer um comentário, mas há algo a retê-la.

— O que foi?

Ela abana a cabeça.

— Não interessa.

— Interessa, sim. O que é que ias dizer?

— Só acho que... — Ela desvia o olhar e esfrega os lábios com um dedo. Nunca a tinha visto tão pouco à vontade. — Só acho que se calhar estás a pôr a tua vida em suspenso por causa de uma coisa que pode não vir a acontecer. Acho que devias... tentar preparar-te para não ter boas notícias. Já se passaram seis meses, Claire.

Levanto-me de chofre.

— É melhor ir-me embora.

— Oh, céus! — A Liz também se levanta. — Não devia ter dito nada. Está tudo bem? Ficaste tão pálida.

— Estou ótima.

— Vou fazer mais chá. Tens a certeza de que não queres uma trinca de chocolate? Pareces...

— Acho que vou vomitar. — Corro para fora da sala, com a mão a tapar a boca, e assim que consigo subir as escadas até à casa de banho sinto uma convulsão no estômago e tenho ânsias de vômito sobre o lavatório.

— Claire? — diz a Liz atrás de mim. — Está tudo bem?

— Já passa. Só preciso de um pouco de água.

Ao rodar a torneira de água fria, há algo no caixote do lixo junto à sanita que me chama a atenção.

— Não! — grita a Liz quando estendo a mão para o jornal. — Não, Claire! Não leias isso.

Viro-me de costas para ela no canto da casa de banho enquanto desdubro o jornal. O nome do Billy vem na primeira página.

«DESAPARECIMENTO DE BILLY CAUSA RIXA»

Há uma fotografia por baixo das parangonas: eu, de olhos esbugalhados e assustados, com o Mark por trás do meu ombro. Estou a tentar passar pelos jornalistas para chegar ao Jake, que está encostado à parede, com os punhos cerrados à frente da cara de um polícia.

Gerou-se ontem o pandemónio na conferência de imprensa que assinou os seis meses do desaparecimento do jovem Billy Wilkinson, um estudante

de Knowle, quando a mãe, Claire Wilkinson (40), foi interrompida durante a gravação da sua mensagem televisiva no momento em que Jake Wilkinson (19), o irmão mais velho do rapaz desaparecido, irrompeu pelas instalações da Câmara Municipal. Jake, que estava notoriamente embriagado, terá gritado que tinha o direito de falar. A mãe, Claire, e o pai, Mark (42), abandonaram o seu apelo público para intervir, e Mark Wilkinson terá exclamado: «Tirem-no daqui! Tirem-no daqui!» A Sra. Wilkinson parecia visivelmente transtornada enquanto a família era levada para fora da sala. O repórter Steve James, do Bristol Standard, falou com uma vizinha que assistia ao apelo pela televisão: «Nunca tivemos qualquer problema com os Wilkinsons. Eles parecem uma família perfeitamente normal, mas fica-se sempre com a sensação de que alguém na família pode saber mais sobre o desaparecimento do Billy do que está disposto a admitir.»

— Claire! — A Liz arranca-me o jornal das mãos antes que eu consiga ler mais uma palavra. — É tudo uma treta. Eles põem-se a inventar coisas para vender papel. Ninguém acredita nisso.

Passa-me um braço pelos ombros, mas eu desvio-me dela, empurrando-a contra o lavatório na tentativa desesperada de sair da casa de banho. Está um calor insuportável e não consigo respirar.

Desço os degraus até ao corredor, dois de cada vez, e escancaro a porta da frente. Assim que saio para a rua, desato a correr.

Capítulo 8

Ponho-me de pé no fundo da cama com os pés juntos e os braços esticados, e deixo-me cair para trás. O colchão faz um barulho magnífico — *vump* — quando aterro e as molas chiam por baixo de mim. Já não me lembrava de algum dia me ter sentido assim tão feliz.

«Não!»

Olho para a direita, na direção da voz, mas não há ninguém ao meu lado na cama. Estou sozinha no quarto. Deve haver alguém no corredor. Uma mulher a discutir com o marido, provavelmente, apesar de não conseguir ouvir o tom grave de uma voz masculina.

«Não!»

A voz, outra vez mais baixa, se bem que mais perto, como se alguém me tivesse dito a palavra diretamente ao ouvido. Sento-me na cama e ergo os joelhos contra o peito.

«NÃO!»

Tapo os ouvidos com as mãos, mas não consigo abafar a voz da mulher enquanto ela grita a mesma palavra, à velocidade de uma metralhadora:

«NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! NÃO!»

Está dentro da minha cabeça. A voz vem de dentro da minha cabeça.

«CLAIRE!», grita. «SOU A CLAIRE. SOU A CLAIRE.»

Claire? Quem é a Claire? Lembro-me do nome, mas não quero. Não quero saber quem é a Claire. Só quero voltar para junto do mar. Para o sol e o vento e o café à beira do cais.

«SOU A CLAIRE! SOU A CLAIRE!»

A voz enche-me o cérebro, com os gritos a transformarem-se num zunido, e sinto o crânio reverberar. A sensação luminosa de felicidade de ainda há pouco desvaneceu-se.

Trevas. Luz. Trevas. Luz.

Os meus pensamentos tornam-se mais sombrios e confusos, e depois mais claros e luminosos, até que, só por um instante — uma fração de segundo —, me lembro de quem é a Claire, e depois a escuridão regressa e com ela uma perturbação tão desnorteante que as minhas mãos se fecham instintivamente enquanto me tento agarrar a qualquer coisa, seja o que for, para não ser arrastada para longe. Tenho algo macio e acetinado debaixo dos dedos. Roupa de cama. Estou sentada numa cama. Mas a cama não é minha, nem este é o meu quarto. Há uma gravura emoldurada na parede do lado direito: uma pintura desbotada de Lowry, com figurinhas de gente a andar pela cidade. Há um rapaz solitário no centro da composição. Tem as costas viradas para mim. Está a olhar para a multidão de pessoas que saem de um dos edifícios. De quem estará à procura? Quem é que perdeu?

Um ruído estridente faz-me sobressaltar. Há um pequeno telemóvel preto a vibrar na mesa de cabeceira de pinho alaranjado à minha direita. Um nome a piscar no ecrã. Um nome que não reconheço. Mas o barulho está a infiltrar-se no meu cérebro e tenho de o obrigar a parar.

Levo a mão ao telefone e encosto-o ao ouvido.

— Mãe? — diz a voz do outro lado da linha.

Queria tanto responder, mas não sou capaz de falar. Não consigo sequer pensar. É como... se o meu cérebro tivesse explodido em mil pedacinhos. Não me consigo concentrar... formar... qualquer pensamento coerente. O que é que me está a acontecer?

— Mãe?

— Claire. — Digo a palavra em voz alta. Parece-me tão estranha. Como um barulho, um ruído, um sopro. — Cl-airrrrrr.

— Mãe? Porque é que estás a dizer o teu nome?

O meu nome?

— Cl-airrrrrr.

— Mãe, estás a assustar-me. Para com isso.

— Claire. — A palavra cristaliza-se por fim na minha boca. Tem um sabor familiar. Como se a conhecesse há muito, muito tempo. Como torradas com manteiga. Como pasta de dentes. — Claire Wilkinson.

— Oh, céus! Pai, acho que ela está a ter um AVC ou algo do género.

A minha cabeça... a minha cabeça... dói-me o cérebro... mas não é uma enxaqueca... está tudo toldado... e depois surge-me uma recordação, a irromper pelo meio das trevas, e eu agarro-me a ela como se fosse o último rochedo da minha sanidade mental.

— É esse o meu nome? Claire Wilkinson?

— Sim, é! Céus, mãe! Estamos há horas a tentar ligar-te. Onde estás?

Mãe. Será possível ser mãe de alguém? O homem no telefone tem um ar assustado. Estará assustado por minha causa? Ou comigo? Não sei. Não há nada que faça sentido.

— Onde estás? — diz a voz ao telefone.

— Eu... eu... — Há umas cortinas aos quadrados no fundo do quarto e um espelho de corpo inteiro, sujo de dedadas. Por baixo de mim tenho uma colcha. Rosa, acetinada, macia. Cravo-lhe as unhas e agarro-me, rígida com o medo. — Não sei. Não reconheço o quarto.

— Está tudo bem, mãe — diz o homem ao telefone. — Só... Desculpa, espera um segundo... — Ouve-se um som abafado, como se tivessem posto uma mão sobre o auscultador, mas ainda consigo ouvir o rumor baixinho da voz. — Mãe? — A voz fala claramente outra vez. — Tens alguma porta ou janela que possas abrir? Diz-me o que vês.

Não quero sair da cama. Não quero abrir a porta de pinho à minha direita nem as cortinas fechadas ao fundo do quarto.

— Por favor, mãe. Precisamos de saber onde estás, para podermos ir aí buscar-te.

Nós? Nós quem? Quem é que me vem buscar? Estou em perigo. Tenho de fugir, mas não me consigo mexer.

— O pai está aqui, mãe. Queres falar com ele?

— Não — digo, sem saber porquê.

— Tens a certeza? — pergunta o homem, e surge-me uma imagem no cérebro, vívida e distinta contra a névoa, de um rapaz com o cabelo claro desgrenhado, aparado dos lados, e os ombros largos, deitado num banco, a erguer pesos.

— Jake? — adivinho.

— Sim, mãe. Sou eu. Estou em casa com o pai. A Liz acabou de chegar, queria falar contigo. Foi aí que percebemos que tinhas desaparecido.

Vasculho a memória à procura de alguma coisa, seja o que for, que me acalme o espírito, que ponha fim a esta sensação aterradora de estar a cair por um poço. Onde fica a minha casa? Porque é que não me consigo lembrar?

— Sim, eu sei. Eu sei, pai. — O homem está a falar novamente com outra pessoa. — Acabei de lhe perguntar isso. Mãe, consegues dizer-nos o que estás a ver?

Olho uma vez mais para o quadro de Lowry, para o rapaz de pé no meio da praça a fitar a multidão, à procura de alguém, e depois para a colcha rosa-clara reluzente, o espelho, a mesa de cabeceira barata e a bandeja do chá.

— Acho que estou num quarto de hotel.

— Tem um telefone? Podes ligar à receção, para saber que hotel é? Ou procurar um folheto ou a ementa do serviço de quartos?

Deslizo para fora da colcha cor-de-rosa e ponho os dedos dos pés na felpa muito gasta da alcatifa bege. Então, atravesso lentamente o quarto, sempre com um olho na porta, e aproximo-me da mesa junto ao espelho. Há um bule de chá de porcelana numa bandeja e duas chá-venas viradas ao contrário sobre os pires. Vejo também um prato com saquinhos de chá, café instantâneo, açúcar e uns pequenos pacotes de leite. Nada de folhetos, nem ementas, nem telefone. Não há mais nada no quarto a não ser a minha mala e as botas, com as peúgas enfiadas lá dentro, no chão junto à cama.

Toco na cortina e, um pouco hesitante, afasto-a para o lado. Lá fora vê-se um gradeamento baixo, uma varanda e uma faixa de mar castanho-acinzentado com uma forma à distância, uma ilha que parece mesmo a carapaça de uma tartaruga.

— Steep Holm — digo, e as trevas em que mergulhou o meu cérebro passam momentaneamente do negro ao cinzento perante a visão familiar daquele rochedo à distância. — Jake, estou em Weston-super-Mare.

Enquanto ele transmite a notícia, sinto uma necessidade imperiosa de escancarar a janela e inspirar grandes golfadas de maresia, mas, quando levanto o vidro da janela de guilhotina, ele só se afasta uns centímetros da parte de baixo.

— Sabes em que hotel, mãe? — pergunta o Jake. — Se ficares onde estás, nós vamos buscar-te.

O quarto é pequeno: velho e simples, mas aquecido e bem limpo. O papel de parede florido por trás da cama está a descolar-se num canto e, quando abro a porta da casa de banho, não encontro frasquinhos com o nome do hotel, só um sabonete com um invólucro branco e um copo, baço pelos anos, na prateleira por cima do lavatório. Não há nenhum *kit*

de boas-vindas na mesa com o café e o chá, nenhuma base para copos com o logótipo, nem sequer um caderno de papel timbrado.

— A receção — murmuro. — Tenho de encontrar a receção.

Mas então reparo num plano de emergência afixado junto à porta. Está assinado em baixo pelo proprietário, Steve Jenkins, Day's Rest B&B.

— Day's Rest — digo. — Estou no Day's Rest B&B.

— Aquela pensão onde costumávamos ficar quando éramos miúdos — diz o Jake, e tenho de me encostar à parede quando uma pontada de dor me arranca o ar dos pulmões.

Billy.

Tenho dois filhos. O Jake e o Billy. O Billy desapareceu. Ninguém sabe onde ele está.

— Mãe? — O tom preocupado do Jake ressalta em mim como uma pedra lançada sobre a superfície do mar.

Agarro na minha mala, nas botas e nas meias e levo a mão à maçaneta da porta.

— Mãe? — diz ele outra vez enquanto eu abro a porta.

— Billy! — grito para o corredor vazio. — Onde estás, Billy? Onde é que te meteste, filho?

Sexta-feira, 22 de agosto de 2014

Jackdaw44: Estás aí?

ICE9: Estou.

Jackdaw44: A Liv é mesmo uma cabra.

ICE9: Quem é a Liv?

Jackdaw44: A miúda com quem eu andava.

ICE9: Não sabia.

Jackdaw44: Não podias saber. Eu gosto de manter as minhas cenas privadas.

ICE9: OK...

Jackdaw44: Mas hoje estou chateado. Preciso de falar com alguém. Já sei que és capaz de guardar um segredo.

ICE9: Tu é que sabes se queres contar o que viste à tua mãe. Não tenho nada que ver com isso.

Jackdaw44: É por isso que és porreira.

ICE9: Ah! Nunca me tinham chamado isso. Então, porque é que a Liv é uma cabra?

Jackdaw44: Foi dizer à Jess para não andar comigo. Esteve a falar mal de mim. Disse que eu tinha a pila pequena.

ICE9: E tens?

Jackdaw44: Vai à merda!

«Um drama familiar emocionalmente duro, com cada incidente a reforçar a ideia de que estamos perante uma família disfuncional rodeada de mentiras.»

PUBLISHERS WEEKLY

Quando Billy Wilkinson, um adolescente de 15 anos, desaparece a meio da noite, Claire, a sua mãe, culpa-se pelo que aconteceu. Mas não é a única a fazê-lo. Todos os membros da família se sentem culpados.

O facto é que os Wilkinsons estão tão acostumados a guardar segredos entre si, que a verdade só começa a vir ao de cima seis meses depois. E uma coisa é certa: alguém sabe o que aconteceu a Billy.

Claire acredita desesperadamente que o filho ainda está vivo e convence-se de que a família e os amigos não têm qualquer relação com o seu desaparecimento. E o instinto de uma mãe nunca falha... Ou falhará?

«Este thriller repleto de reviravoltas sobre um adolescente desaparecido vai mantê-lo acordado a noite inteira.»

HEAT

DA MESMA
AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-71-5



9 789898 869715

Thriller